

THOREAU E ANDERSEN: DIÁLOGOS COM A MODERNIDADE

THOREAU AND ANDERSEN: DIALOGUES WITH MODERNITY

Vanessa de Paula Hey¹

Resumo: O presente trabalho se estrutura a partir da análise da autobiografia *Walden*, de Henry Thoreau, e do conto *A driade*, de Hans Christian Andersen, para discutir o posicionamento ideológico assumido por esses autores, em suas respectivas obras, frente à questão da modernidade. Entende-se por modernidade o período marcado por constantes e rápidas transformações sociais, políticas, econômicas, ideológicas, culturais e artísticas pelo qual passa a sociedade ocidental da metade para o final do século XIX; um processo de profundas desconstruções de valores consolidados – em que as certezas supostamente inabaláveis passam a ser questionadas. Thoreau e Andersen retratam de forma diferente, mas não contraditória, a experiência da modernidade neste contexto, que representada em sua totalidade aparece como uma temática paradoxal – de um lado ela vem atrelada às ideias de progresso, desenvolvimento, liberdade, agitação e deslumbramento; de outro, está associada ao perigo, à depravação, à destruição da natureza, à crueldade, ao condicionamento do ser humano. Pretende-se com o estabelecimento desse diálogo, apresentar uma leitura crítica sobre a modernidade que perpassa a obra desses autores, e com isso, uma interpretação sobre o assunto que se somará aos discursos que analisam a modernidade.

Palavras-chave: Thoreau; Andersen; Modernidade; Ecocrítica.

Abstract: The present article is based on the analysis of Henry Thoreau's autobiography *Walden* and Hans Christian Andersen's tale *The Dryad*, to discuss the ideological stance taken by these authors in their respective works on the issue of modernity. Modernity is understood to be the period marked by constant and rapid social, political, economic, ideological, cultural and artistic changes through which Western society passes from the mid to late nineteenth century; a process of deep deconstruction of consolidated values - in which supposedly unwavering certainties are being questioned. Thoreau and Andersen portray in a different but not contradictory way the experience of modernity in this context, which in its entirety appears as a paradoxical theme - on one hand it is linked to the ideas of progress, development, freedom, agitation and wonder; on the other, it is associated with danger,

¹ Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná – Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: vani_de_paula@hotmail.com.

depravity, the destruction of nature, cruelty, the conditioning of the human being. It is intended with the establishment of this dialogue, to present a critical reading on the modernity that permeates the work of these authors, and with it, an interpretation on the subject that will add to the discourses that analyze modernity.

Keywords: Thoreau; Andersen; Modernity; Ecocritical.

Introdução

O presente artigo se propõe a discutir a modernidade a partir dos diálogos que com ela são estabelecidos tanto na obra *Walden* (1854), de Henry David Thoreau, quanto no conto *A Dríade* (1868), de Hans Christian Andersen. É através do posicionamento ideológico assumido por esses autores, em suas respectivas obras, em relação à questão da modernidade, que se pretende elucidar a forma como cada um deles escolhe para representá-la. Entendo modernidade, aqui, como um período marcado por constantes e rápidas transformações, sejam elas políticas, econômicas, sociais, tecnológicas, culturais ou ideológicas; mudanças pelas quais passam a sociedade norte-americana e europeia da metade para o final do século XIX.

Thoreau e Andersen mostram de forma diferente, mas não contraditória, a experiência da modernidade a partir do contexto em que estão inseridos. Representada em sua totalidade, a modernidade aparece como uma temática paradoxal – de um lado, está atrelada às ideias de progresso, desenvolvimento, liberdade, agitação e deslumbramento; de outro, está associada ao perigo, à depravação, à destruição da natureza, à crueldade e ao condicionamento do ser humano.

Pretende-se com o estabelecimento desse diálogo, apresentar uma leitura crítica sobre a modernidade e, com isso, uma interpretação sobre o assunto que se somará aos discursos críticos literários que analisam a modernidade. Além disso, é por meio da modernidade representada por essas obras que se discutirá também a sua relação com a natureza – o papel que esta última ocupa nesse período marcado pela profunda desconstrução de valores consolidados, em que as certezas supostamente inabaláveis passam a ser questionadas.

1. Dríade: a natureza que se pretende sujeito

No conto ‘A Dríade’ (1868), de Hans Christian Andersen, somos convidados a acompanhar a história de uma jovem castanheira que vive em um vilarejo no interior da França, nela habita uma dríade². Logo no início do conto, sem delongas, somos ambientados na Paris de 1867, ano em que a cidade sediava uma das Grandes Exposições Mundiais. Lá iniciamos nossa jornada que, nas palavras do narrador, constitui-se em “uma viagem rápida, feita completamente sem feitiçaria” (ANDERSEN, 1868, p.1). Os meios de transporte que nos levam até lá são o navio e o trem, é com o auxílio da máquina, que se compõe como um dos símbolos da civilização e de seu progresso, que chegamos a Paris. Tudo isso não impede o narrador, mesmo em tom irônico, de anunciar essa época como uma época de contos de fadas.

A janela do hotel dá vista a uma praça, com elementos naturais que denunciam a chegada da primavera – a primavera chega a Paris ao mesmo tempo em que nós chegamos. Nessa praça, há uma jovem castanheira, com delicadas folhas recém-abertas. Essa mesma castanheira, que viajou muitas milhas em direção a Paris, um dia habitou a área campestre do interior da França. Era lá, sob a sombra de uma árvore vizinha, um carvalho, que o velho padre contava às crianças histórias que pertenciam ao “passado glorioso da França”, com nomes que sobreviviam ao tempo. Assim como as crianças, a dríade também aprendia sobre a história dessa “ilustre nação”.

Ainda jovem, a dríade se alegrava com sua vida, com o canto das aves e, acima de tudo, com as vozes humanas. Muitos dos seres que podiam voar (como os pássaros, as borboletas e as moscas) a visitavam, e lhe contavam histórias sobre a vila, a floresta, o castelo e seus antigos parques, canais e lagos. Apesar de ter conhecimento sobre todo o cenário que a cercava e mesmo daqueles que estavam mais distantes, ela invejava os seres que podiam voar, pois estes eram mais livres do que ela e podiam ver muito além do que seu horizonte permitia.

² Ninfas que nasciam com as árvores, protegendo-as e participando de seu destino. (KURY, 2009, p.312)

Não eram apenas estas as histórias que chegavam à dríade, mas também histórias sobre Paris e a Grande Exposição Mundial que lá se realizava. Todas elas só faziam crescer o seu desejo de poder ver tudo aquilo, que por mais fantástico que se figurasse em sua imaginação, não deixava de ser advertido pelo padre: “se você for até lá, isso será a sua ruína” (ANDERSEN, 1868, p.2), uma vez que o grande mundo está repleto de perigos e “jovens garotas que se aventuram nele podem facilmente encontrar infortúnio e depravação moral” (ANDERSEN, 1868, p.2).

De tanto desejar, o seu sonho vira realidade. Em uma noite, uma faísca de luz cai como uma estrela cadente em frente a sua árvore. Esse elemento tão comum aos contos de fadas diz à dríade que ela irá à cidade dos encantamentos, mas isso reduzirá a sua vida. Nesse momento o narrador retoma aquilo que é constantemente advertido pelo padre dizendo: “pobre dríade, isso será a sua ruína” (ANDERSEN, 1868, p.4).

Sua árvore é, então, arrancada e transportada a Paris, onde será plantada no centro de uma pequena praça – o mesmo cenário apresentado no começo da narrativa – substituindo outra árvore que ali morrera por conta do ar poluído da cidade. Nas palavras do narrador, lá a árvore crescerá como ornamento para a gloriosa cidade francesa.

Num primeiro momento, a dríade se encontra muito feliz com tudo aquilo que de novo a cerca, mas em pouco tempo se sente aborrecida, questiona se as casas, que ali tão próximas dela estão, assumirão outros formatos, assim como ela viu as nuvens fazerem enquanto habitava o vilarejo, o que a possibilitaria ver mais de Paris. Sentindo-se novamente limitada, deseja expandir sua visão para além do que a vista da praça a permite, deseja experienciar a cidade, e visitar a Grande Exposição Mundial que há tanto tempo lhe é anunciada. Novamente, seus desejos serão atendidos, porém desta vez a um preço bem mais alto do que o anterior, agora ao assumir a forma humana, a de uma deusa primaveril, só restará a dríade uma noite de vida para explorar a cidade.

Liberta de sua castanheira, a dríade adentra a cidade vestindo as belas roupas de uma amável jovem. Visita boulevares, lojas, igrejas, restaurantes, salões de bailes e até mesmo esgotos – que o conto ironicamente descreve como as verdadeiras maravilhas do mundo moderno. Na igreja, ao observar as damas que lá rezavam ou se confessavam, a dríade

percebe não pertencer àquele lugar, sente não ter o direito a frequentá-lo. A igreja lhe parece mais um lugar para onde homens e mulheres ricos vão para exibir os seus pertences ao invés de serem tomados por sua devoção.

No salão de baile, apresentado como um lugar lindo e glamoroso, a dríade vê muitas mulheres dançando, o que a primeira vista parece implicar em um ato de liberdade (como sugerem os próprios movimentos da dança), mas que ao contrário, faz parecer que aqueles que ali se encontram estão muito presos a este ambiente, como que hipnotizados e envenenados por seus prazeres.

No momento em que ela desce aos esgotos, anunciados como o resultado da mente e da capacidade humana “‘Daqui debaixo’ eles dizem ‘vem saúde e vida longa para os milhares de lá de cima. Nossa era é a era do progresso, com todas as suas bênçãos’” (ANDERSEN, 1868, p.8), a dríade encontra alguns ratos que lá vivem. Ao escutá-los, percebe o quão cético eles são em relação à modernidade e ao progresso:

Essa é a opinião dos seres humanos, a fala deles, mas não a dos catadores que nasceram aqui e construíram suas casas e aqui vivem – os ratos (...). Eu estou desgostoso com esse ronronar, com o ronronar humano, o falatório ignorante! De fato, tudo está muito bem agora, com o gás e o óleo, mas eu não me alimento dessas coisas. Tem se tornado tão claro e limpo aqui que alguns estão envergonhados, sem nem mesmo saber o porquê de estarem envergonhados. Eu queria que nós vivêssemos nos bons e velhos tempos das velas de cera; este tempo não está tão distante do nosso – os tempos românticos é como as pessoas o chamam. (ANDERSEN, 1868, p.8).

Já é tarde da noite quando a dríade resolve visitar a Grande Exposição Mundial, ao amanhecer ela deixará de existir e já é possível ver a sua fraqueza. Por conta de sua pouca disposição, a dríade decide descansar alguns instantes nas almofadas e tapetes orientais, mergulhar na água límpida da fonte que ocupava o centro do salão de exposição, assim como faziam os galhos do salgueiro chorão. Mas não teve descanso, em poucos minutos o dia estaria terminado. Seus pensamentos e membros tremiam e ela afundou na grama ao lado do riacho balbuciante dizendo-lhe: "você brota da terra com vida eterna. Refresque minha língua; sacie minha sede!" (ANDERSEN, 1868, p.11). Porém, por sua natureza artificial e

mecânica, a fonte foi incapaz de atender ao pedido da dríade – mal saciava a sede da grama que ali se encontrava.

A leve brisa do centro urbano apenas promete colocar poeira sobre a dríade quando esta estiver morta e ela mesma se tornar pó, que, então, será pisado pelos passantes. Desesperada, ela ainda alcança a Igreja, cuja porta se encontra aberta, lá uma luz queima no altar ao mesmo tempo em que o órgão soa. A música não lhe é consolo suficiente, ela decide, assim, se retirar do contexto em que Deus a colocou e morrer. Ao fazê-lo, cai como uma gota de carvalho na luz da manhã, e tudo que resta dela agora é uma pequena flor de castanheira que será pisada junto à poeira pelos muitos visitantes da exposição mundial.

Andersen encerra sua história com a seguinte conclusão: "Tudo isso aconteceu e foi experimentado. Nós mesmos vimos isso na Exposição de Paris, em 1867, em nossa época, o grande e maravilhoso tempo dos contos de fadas" (ANDERSEN, 1868, p.12).

O conto de fadas a que o narrador faz alusão é a própria experiência da modernidade, e o palco que ele escolhe para representá-la é a Paris da metade do século XIX, do ano de 1867 – ano esse em que a capital francesa recebia uma das grandes Exposições Universais.

As Exposições tinham como objetivo transmitir as novas ideias e valores sobre o desenvolvimento, a técnica e a razão que circulavam pelas mais diversas nações. Dotadas de um semblante industrial e comercial, elas se anunciavam como verdadeiras vitrines do progresso, apresentando as novas possibilidades modernas, com máquinas e produtos que pretendiam revolucionar a vida humana, e mais do que isso “o que se vendia era — sim — um gênero de vida, uma construção política e ideológica, visões de uma sociedade futura idealizada” (BARBUY, 1999, p.40).

O século XIX se apresenta, assim, como uma época marcada pela ascensão dessa nova sociedade – a capitalista industrial – que viu suas antigas crenças, valores, ideologias e tradições ruírem em prol do novo tipo de vida que se organizava. O novo tecido social partilhado pelo homem mostrava seu caráter inovador, prometia poder, euforia, crescimento, transformação, mas também ameaçava a existência e o funcionamento das estruturas sociais vigentes.

Junto a essa sociedade, ascendia também um novo tipo de homem, o homem moderno, e ser moderno nas palavras de Marshall Berman era:

(...) encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (...). A modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e de angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como diz Marx, ‘tudo que é sólido desmancha no ar. (BERMAN, 2007, p.24).

É o caráter paradoxal da modernidade, acima anunciado, que o narrador nos mostra no conto. De um lado, ele nos apresenta o tempo presente como uma época de contos de fadas, que continua a extrair certo deslumbramento de seus espectadores graças aos avanços científicos e tecnológicos alcançados pela humanidade, e graças, também, à difusão de ideias e crenças pertencentes ao imaginário burguês, que serviram de importante ferramenta de divulgação da imagem de realização e bem-estar que o progresso se propunha a oferecer; de outro, ele nos mostra ser esta uma era condenada, cheia de destruição (como vemos acontecer à dríade) e depravação (ilustrada pela narrativa da Marie – garota que sai de seu vilarejo para viver seu sonho na capital, mas, como o narrador deixa a entender, acaba tendo que se prostituir para sobreviver). O destino da dríade, que tanto deseja experimentar essa modernidade, nos faz pensar em suas consequências, apela para o nosso senso crítico e capacidade de se reconhecer através da experiência do outro. A modernidade nos mostra, assim, o seu aspecto frágil.

Desejo e sonho, elementos típicos dos contos de fadas, e que também caracterizam o romantismo europeu, aparecem nessa narrativa. Embora os escritores românticos tenham, muitas vezes, ansiado fazer parte do reino espiritual da natureza, e tenham esperado vislumbrar através dela certa beleza e verdade, em *A Dríade*, é o mundo natural que anseia pertencer ao mundo humano, e as consequências da consumação de tais acontecimentos são fatais.

É a partir desse aspecto que podemos discutir a relação da modernidade com a natureza. No conto, a dríade, que funciona como a própria personificação do espírito da natureza, é seduzida pelo novo, sentimento que a Modernidade trouxe consigo, e é por se

deixar levar por seu espetáculo, pelo sonho e desejo de poder fazer parte de mundo deslumbrante que tanto lhe é anunciado, que ela sucumbe.

É, portanto, sob o ponto de vista da própria natureza que vemos a sua destruição, tendo ela mesma sido causada pela tentativa de inserção a um lugar que ela não pertence, ou não pertence mais. É como se o narrador de Andersen quisesse nos dizer que não há espaço para a natureza nesse novo tipo de sociedade, ao menos, não em sua forma não domesticada. E no conto, ela de fato só aparece enquanto ornamento, como uma forma de reprodução artística, objeto de arte. É o que se vê nos salões da feira mundial, em que vários cenários naturais são reproduzidos artificialmente para possibilitar o contato já perdido entre o homem da cidade e natureza. O seu estado natural passa a ser, desta forma, insustentável. A natureza só tem valor enquanto objeto, mercadoria; sua valorização e a apreciação do contato humano com ela estão perdidos nessa modernidade.

A natureza, na tentativa de se tornar sujeito, e assim se libertar do domínio humano, em uma modernidade que a trata como objeto do ponto de vista teórico e como material do ponto de vista prático (MARCUSE apud BÖHME, 2016: 129), vê suas expectativas frustradas. Quando personificada, é destruída de forma abrupta (em apenas uma noite), enquanto objeto, ornamento, é destruída de forma gradual, ainda que não escape de ser destruída.

O passado e a tradição romântica que tanto a idealizavam cederam seu lugar para a experiência urbana, lançou-se na sociedade um novo ritmo de vida, fazendo com que essa perdesse as referências que a ligavam à tradição e à memória coletiva. A natureza, assim, perde a sua importância como ser autônomo, ela, agora, serve ao homem moderno e aos seus propósitos, e sua dominação/apropriação, como se pode ler no conto, ocorre de forma violenta e fatal.

2. Walden: a natureza como objeto

Walden ou A Vida nos Bosques (1854), obra de Henry David Thoreau, apresenta em sua composição vários relatos de experiências e experimentos realizados pelo autor, assim como

inclui uma série de reflexões sobre o período de tempo em que Thoreau viveu às margens do Lago Walden, entre os anos de 1845 e 1847:

Quando escrevi essas páginas seguintes, ou melhor, o principal delas, eu vivia sozinho na mata, a um quilômetro e meio de qualquer vizinho, numa casa que eu mesmo tinha construído à margem do Lago Walden, em Concord, Massachusetts, e ganhava minha vida apenas com o trabalho de minhas mãos. Vivi lá dois anos e dois meses. (THOREAU, 2010, p.17).

A obra, que se afasta do estilo convencional da prosa de ficção, constitui-se como uma mistura de observações naturais, experiências pessoais e também dados históricos. Reflete sobre a existência humana, de um lado como resposta às indagações particulares do autor, e, de outro, como resposta às questões sociais, políticas, econômicas e espirituais que diziam respeito aos propósitos e modos de vida de uma sociedade desenvolvimentista – a nação norte-americana da época vivia seu apogeu industrial e urbano, derivado de um crescimento exponencial que intensificava a complexidade da vida social.

Thoreau, insatisfeito com aquilo que ele via como resultado do progresso e do desenvolvimento, isto é, os desatinos cometidos contra a natureza e o ser humano, causados pelo advento de um consumismo, descrito por ele como viciante e vicioso, decide mostrar na prática que é possível viver com o mínimo necessário à sobrevivência. Retira-se para as matas, onde mantém um intenso contato com a natureza, constrói lá, com suas próprias mãos, a sua moradia, e prova, desta maneira, ser possível viver uma vida simples, humilde e viável em termos financeiros.

Walden é composto por várias partes que apresentam observações e discussões do autor acerca da natureza. Muitos críticos de Literatura Americana, como Walter Harding, afirmam serem estas as partes mais aproveitáveis do livro, ao menos mais do que as reflexões filosóficas tecidas pelo autor:

Muitos vêm a obra como uma espécie de declaração de independência pessoal, uma experiência social e também uma descoberta espiritual, assim como um manual de sobrevivência na mata, prevendo a autossuficiência daquele que decidir seguir os mesmos passos do autor. Pode ser estudado também como manifesto poético em face ao grande desenvolvimento da civilização industrial que ganhava forças nos Estados Unidos. (HARDING, 1969, p.151)

São pelas reflexões sobre a natureza e sua relação com o homem civilizado, que *Walden* é considerado por autores como GARRARD (2006, p.97) um dos pontos de partida para as discussões de Ecocrítica³, dentro do tropo *Wilderness*, no pensamento teórico norte-americano⁴. Isso porque Thoreau tentou mostrar e provar, através de sua experiência, que era possível viver consumindo menos e em harmonia com o mundo natural – aspectos que estão entre os pressupostos dessa corrente teórica.

Thoreau construiu sua própria cabana perto do lago e sobreviveu a partir daquilo que plantou nos arredores. O autor estava consciente de que o progresso e o desenvolvimento da civilização simbolizavam também uma ameaça para a natureza. Acreditava que viver de forma livre (aquilo que ele estava mostrando na prática) era uma forma de renovação espiritual. Ele foi morar afastado da civilização com o desafio de encarar aquilo que acreditava serem apenas os fatos relevantes da vida.

Assim como em *A Dríade*, que dá margens à interpretação da vida urbana na sociedade parisiense como algo vazio de significação, Thoreau também percebe a modernidade como algo superficial. O homem moderno, acreditava ele, gasta mais tempo ganhando seu modo de vida, com o intuito de corresponder às expectativas da sociedade e, se possível, guardar para o futuro, do que propriamente vivendo. Em uma das situações relatadas pelo autor, em que este discute com um amigo sobre qual deles chegaria mais rápido a certa região, ele afirma que indo a pé, estaria lá mais rápido do que seu amigo, mesmo que este usasse o trem, isso porque seu amigo precisaria trabalhar para pagar o dinheiro da passagem antes de se encaminhar à região:

“A distância é de 48 quilômetros, a passagem custa 90 centavos. É quase um dia de salário (...). Bom, eu saio agora a pé, e chego lá antes do anoitecer. Tenho andado nesse ritmo a semana toda. Enquanto isso, você vai ganhar o dinheiro da passagem, e chega lá amanhã a alguma hora” (THOREAU, 2010, p.61).

³ A Ecocrítica analisa a relação do homem com a natureza e também estuda como essa relação reflete na literatura.

⁴ “O *Walden* de Thoreau pode ser visto como o término da pastoral do Velho Mundo na literatura norte-americana, ao colidir com a tecnologia e a confiança cultural autônoma da jovem república” (GARRARD, 2006, p.97).

Outro raciocínio que também atesta as consequências do progresso para a humanidade e a natureza se desenha da seguinte forma: para se andar num trem é preciso que se construam trilhos, para tal, será extraído ferro de alguma mina, estes trilhos necessariamente passarão por alguma floresta que terá de ser derrubada em nome do progresso. Ainda em nome do progresso, todo esse empreendimento custará o trabalho de muitas vidas, que não serão bem remuneradas e se afastarão de seus lares para que o trabalho seja executado. Todo esse sistema gera um grande impacto ambiental, uma vez que, derrubadas as árvores, muitos animais perderão seus territórios, além de os resíduos expelidos pelos trens serem prejudiciais ao meio ambiente. Além disso, tem-se o fato de que o homem, ao construir os trilhos de trem, cria uma nova necessidade, que antes não era percebida como necessidade: viajar de trem.

O autor evidencia, ainda, que uma vida confortável, atendendo às expectativas da sociedade só é possível a longas penas, os homens acabam por pagar com o seu tempo, e, portanto, com sua vida, para manter certos padrões sociais. Na visão de Thoreau, as pessoas não estão mais vivendo as suas vidas, mas pagando com elas para obter ganhos materiais da civilização. Uma existência simples levaria o homem a contemplar os fatos essenciais da vida e, assim, seria capaz de mostrar o caminho de convivência harmônica entre a natureza e a sociedade que se desenvolvia.

Thoreau também discute como o homem, a cultura e a sociedade moderna substituíram o lugar da natureza em suas consciências. Com o avanço da civilização, houve o distanciamento da relação humana com o mundo natural, o que na *Dríade* se mostra através do contato artificial que se tem com a natureza – o homem convive e se satisfaz com reproduções da natureza.

Ele afirma também que as pessoas ainda apreciam o contato com a natureza, mas elas não estão mais aptas a levar uma vida simples pela preocupação que têm com o seu status social e civilizatório. Até mesmo os fazendeiros, que levam suas vidas mais próximas à natureza, o fazem apenas para ganhar dinheiro e manter um padrão social mais alto, para poderem se equiparar aos moldes da vida levada nos centros urbanos; portanto, não há prazer de se estar em contato com o mundo natural.

O autor acredita, ainda, que as pessoas que estão vivendo nas selvas são mais civilizadas e sensíveis, se comparadas àqueles que são educados e pertencem à massa desenvolvida das cidades. As pessoas selvagens se preocupam mais com suas fontes de vida (a natureza) e tentam preservá-la, enquanto os homens citadinos ganham seu sustento com os produtos obtidos a partir da natureza e, para manter tal consumo, consciente ou inconscientemente, tentam machucá-la.

Walden não apenas relata a estadia do autor na floresta, como também analisa e avalia a sociedade capitalista do século XIX, incitando o leitor a ser crítico e refletir profundamente acerca de seus próprios modos de vida, propondo novas perspectivas sobre o conceito de liberdade e o da própria vida, o que retoma diretamente muito do discurso transcendentalista⁵.

Conclusão

Com a ascensão do capitalismo e os reflexos de seu funcionamento, a natureza, fonte de vida, é vista como objeto, transformada em mercadoria, sem que haja a preocupação moral ou social com a sua preservação. À natureza, que existe em todas as esferas da vida – social, espiritual, cultural, filosófica e econômica – parece ter sido relegada o papel de ornamento, como aparece em a *Dríade*, ou moeda de troca para a construção de um mundo civilizado, como em *Walden*. Em ambos os casos, cumpre a função de objeto, algo que pode ser dominado, possuído, assim como destruído.

As mudanças de estações que perpassam as duas narrativas – da primavera ao inverno – sugerem o acordar da alma e da consciência humana para os problemas que essa nova civilização vai causar. Refletem sobre o sentido de se preservar a natureza como forma de se preservar a própria existência humana, isso porque sem os recursos naturais, ou sem a prudência em utilizá-los, estes acabarão e com eles a própria humanidade.

⁵ O transcendentalismo estadunidense foi uma reação contra o racionalismo do século XVIII, foi uma filosofia liberal que privilegiou a natureza em lugar da estrutura religiosa formal, a percepção individual em lugar do dogma e instinto humano em lugar da convenção social, podendo ser chamado também de filosofia idealista (TRANSCENDENTALISM-LEGACY apud ROCHA, 2018, p.68).

Ambos os textos, cada um a sua maneira, mostram-se críticos e preocupados com o chamado progresso da civilização, e refletem, enfim, sobre as suas consequências. O que para Thoreau é a perda do confronto com os fatos relevantes da vida (movimento realizado quando o homem se afasta da natureza e adentra totalmente o mundo civilizado), em *A Driade*, é a busca individual da sobrevivência na modernidade (não só do ser humano como também da natureza). Ambos mostram a natureza e o contato do ser humano com essa natureza como uma das soluções para não se alienar e, assim, tentam resgatar o contato, que está se perdendo, entre homem e natureza. Em *A Driade* esse contato parece já estar perdido, em *Walden* ele está por se perder.

Referências

- ANDERSEN, Hans Christian. **The Dryad**. (1868) Trad. Jean Hersholt. Disponível em: <http://www.andersen.sdu.dk/vaerk/hersholt/TheDryad_e.html>. Acesso em 21 jun. 2019.
- BARBUY, Heloísa. **A exposição universal de 1889 em Paris**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BÖHME, Gernot. Aesthetics of Nature: A Philosophical Perspective. In: ZARP, Hubert (ed). **Handbook of Ecocriticism and Cultural Ecology**. Walter de Gruyter: Berlin: Boston, 2016. p.123-134.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- HARDING, Walter. Henry David Thoreau: Walden; Or, Life in the Woods. In: **Landmarks of American writing**. Washington, D.C.: Forum Editor, 1969. p. 151-160.
- KURY, Mário da Gama. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ROCHA, René Eberle. Natureza e sociedade no pensamento de Thoreau: do transcendentalismo ao ambientalismo. **Revista Espaço de diálogo**, São Paulo, v. 10, n.1, p.66-77, 2018.
- THOREAU, Henry David. **Walden**. Porto Alegre, L&PM, 2010.

Recebido em 02/08/2019. Aceito em 15/01/2020.